

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL

FERNANDA CARRION DA SILVA

**O CIS NO DIVÃ: ATRAVESSAMENTOS DA CISNORMATIVIDADE NA FORMAÇÃO E
NO TREINAMENTO DA ESCUTA CLÍNICA**

PORTO ALEGRE
2019
FERNANDA CARRION DA SILVA

**O CIS NO DIVÃ: ATRAVESSAMENTOS DA CISNORMATIVIDADE NA FORMAÇÃO E
NO TREINAMENTO DA ESCUTA CLÍNICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Orientadora: Profa. Dra. Paula Sandrine Machado

Porto Alegre, RS, Brasil

2019

**O CIS NO DIVÃ: ATRAVESSAMENTOS DA CISNORMATIVIDADE NA FORMAÇÃO E
NO TREINAMENTO DA ESCUTA CLÍNICA**

Fernanda Carrion da Silva

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional, pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Analice Palombini
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Andrea Gabriela Ferrari
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dra. Daiane Maus Marques

Profa. Dra. Luciana Leila Fontes Vieira
Universidade Federal do Pernambuco

Dedico essa Dissertação a todas/os psicólogas/os subversivas/os e libertárias/os, que acreditam em uma prática calcada em autonomia, respeito, empatia, ética e considerando o sujeito não individuado de seus contextos.

RESUMO

Partindo-se das análises empreendidas por Viviane Vergueiro Simakawa, Márcia Arán e Daiane Maus Marques, esta dissertação tem como objetivo principal compreender como a cisnorma é performada no contexto de formação de psicólogas/os clínicas/os em uma clínica escola de psicologia. Parte-se da hipótese de que a cisnormatividade e a heteronormatividade, as quais supõem uma determinada linearidade entre sexo-gênero-desejo, e que constituem uma matriz para grande parte das teorias clínicas em psicologia, atravessam não apenas pressupostos teórico-conceituais mas também estratégias de intervenção clínica. Foi realizada uma imersão etnográfica em uma clínica-escola de psicologia no Sul do Brasil, no período de janeiro a julho de 2017, bem como entrevistas etnográficas com psicólogas/os de um serviço voltado à formação clínica de estudantes e graduados/as em Psicologia. As observações focaram nas teorias e entendimentos clínicos acionados para que as/os psicólogas/os e estudantes de psicologia fizessem a escuta de suas/seus pacientes durante as discussões de caso coletivas e em reuniões de equipe. Foram utilizadas as perspectivas teóricas do feminismo – mais fortemente do transfeminismo e do feminismo interseccional - e do pós-colonialismo para compreender como a formação e a prática clínica atuam performando e materializando a norma cisgênera nas intervenções e nas escutas.

Palavras-chave: Psicologia clínica. Cisgeneridade. Cisnormatividade. Serviço-escola de Psicologia. Etnografia. Psicologia Social.

ABSTRACT

Based on the analyses undertaken by Viviane Vergueiro Simakawa, Márcia Arán and Daiane Maus Marques, this dissertation aims to understand how cisnormativity is performed in the context of training clinical psychologists in a clinical school of psychology. It is assumed that cisnormativity and heteronormativity, which assume a certain linearity between sex-gender-desire, and which constitute a matrix for most clinical theories in psychology, cross not only theoretical-conceptual assumptions but also strategies of clinical intervention. An ethnographic immersion was carried out in a psychology clinic-school in the South of Brazil, from January to July of 2017, as well as ethnographic interviews with psychologists of a service aimed at the clinical training of students and graduates in Psychology. The observations focused on the clinical theories and understandings activated so that psychologists and psychology students could listen to their patients during collective case discussions and team meetings. The theoretical perspectives of feminism - more strongly transfeminism and intersectional feminism - and post-colonialism were used to understand how training and clinical practice act performing and materializing the cisgender norm in interventions and listening.

Key-words: Clinical psychology. Cisgenerity. Cisnormativity. Psychology school service. Ethnography. Social Psychology

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CFE - Conselho Federal de Educação

CFP - Conselho Federal de Psicologia

COFOR - Comissão de Formação do CRPRS

CREPOP - Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas

CRP - Conselho Regional de Psicologia

CRPRS - Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul

Clinica L - Clínica em que realizei a Etnografia

LGB - Lésbicas, gays e bissexuais

LGBTQT - Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e queers

MEC - Ministério da Educação e da Cultura

H - Coordenador geral do Serviço-escola em que realizei a Etnografia

PPG - Programa de Pós-Graduação

PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

SAPP - Serviço de Atendimento e Pesquisa em Psicologia

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| NOTAS INTRODUTÓRIAS: INQUIETAÇÕES E DESCONFORTOS..... | 13 |
| 1. CONSTRUÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA E A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA..... | 21 |
| 1.1. Localizando e situando a pesquisa..... | 21 |
| 1.2 Formação acadêmica como protagonista da construção da profissional psicóloga..... | 25 |
| 1.2.1. Localizando e focando na formação clínica: serviços-escola de psicologia como instituição privilegiada para a observação do treinamento de futuras/os psicólogas/os clínicas/os..... | 32 |
| 1.2.2. Ciscolonidade como currículo invisível na formação da escuta clínica..... | 37 |
| 1.3. Construção de ferramentas teórico-metodológicas..... | 44 |
| 1.3.1. Entre laboratórios e simetrias..... | 45 |
| 1.3.2. Naturalização da cisgeneridade nas escutas de casos clínicos psicológicos...46 | |
| 1.3.3. Abrindo as caixas-pretas da escuta clínica: as controvérsias da cisonormatividade em casos clínicos de psicologia..... | 48 |
| 1.3.4. Questões forjadas e executadas em campo..... | 49 |
| 2. ETNOGRAFIA NA CLÍNICA L: LOCALIZANDO E DESCREVENDO O PROCESSO ETNOGRÁFICO..... | 52 |
| 2.1. Teorizando sobre a etnografia..... | 52 |
| 2.2 Informações gerais sobre o serviço-escola..... | 57 |
| 2.3 Como chegar e como é a Clínica L?..... | 59 |
| 2.4. Equipe de colaboradoras/es da clínica..... | 60 |
| 2.5. O local das reuniões..... | 68 |
| 2.6. As reuniões gerais de equipe..... | 74 |
| 2.7. Aspectos éticos..... | 84 |
| 3. CASO CLÍNICO..... | 89 |
| 4. QUANDO A PORTA FECHA: A ESCUTA CLÍNICA FORMADA E TREINADA A SER ATRAVESSADA PELA CISONORMATIVIDADE | 100 |

| | |
|---|------------|
| 4.1 Meninas e feminilidade..... | 102 |
| 4.1.1 Brinquedos e brincadeiras de menina..... | 108 |
| 4.2 Meninos e masculinidades..... | 111 |
| 4.2.1. Histórias de meninos..... | 115 |
| 4.3 Mulheres e feminilidades..... | 116 |
| 4.3.1. | |
| Estupro..... | 1191 |
| 4.3.2. Todos afirmam que sou culpada, inclusive a psicologia..... | 1213 |
| 4.4 Homens e masculinidades..... | 122 |
| 4.5 Mães..... | 124 |
| 4.6 Pais..... | 128 |
| 4.7 Relações parentais..... | 130 |
| 4.8 Abandono parental..... | 133 |
| 5. REARTICULANDO O FAZER CLÍNICO: UMA PROPOSTA FEMINISTA E POLÍTICA DE PSICOTERAPIA..... | 128 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 130 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 133 |
| ANEXO I: Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962..... | 137 |
| ANEXO II: Parecer nº 403/62 de 19 de dezembro de 1962..... | 142 |
| ANEXO III: Lei 5.766, de 20 de dezembro de 1971..... | 146 |
| ANEXO IV: Decreto No.79.822, de 17 de junho de 1977..... | 156 |
| ANEXO V: Valores de Referência nacional de honorário..... | 165 |

NOTAS INTRODUTÓRIAS: INQUIETAÇÕES E DESCONFORTOS

O processo de formação acadêmica institucionalizada em Psicologia tem provocado amplamente meu interesse e se transformado constantemente em recortes de pesquisa e em projetos de intervenções ao longo da minha trajetória acadêmica, sobretudo nos dois últimos estágios profissionalizantes da graduação em psicologia e no meu trabalho de conclusão¹ (TCC) do referido curso, realizados, respectivamente, nos anos de 2013, 2014 e 2015.

Durante as graduações de Psicologia e de Ciências Sociais, fui brindada com dois Diretórios Acadêmicos ativos e participantes, tendo uma representatividade feminista expressiva, onde pude desfrutar de laços de sororidade e de luta em diversos momentos da minha formação acadêmica e, principalmente, pessoal. Encontrei, em salas de aula professoras incríveis e inspiradoras, que me mostraram que a Psicologia pode ser um campo de florescimento das potencialidades dos sujeitos, de luta por emancipação, por garantia de direitos humanos e de políticas públicas. Logo ao final da minha Graduação em Psicologia, e no meio da minha Graduação em Ciências Sociais, iniciei a minha trajetória como terapeuta clínica nas Abordagens Humanistas Fenomenológicas-Existenciais. Nesse momento, já fazia três anos que minhas inquietações com a formação em psicologia se voltavam - e continuam se voltando até

¹ O título do meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) de psicologia foi “Relacionamentos Livres e Abertos: livres de quê(m)? Abertos a quê(m)? A construção das noções de família pelas teorias psicológicas”. Neste trabalho, abordei o fato de que as construções das noções de família da psicologia brasileira ocorreram durante o Golpe da Ditadura Militar brasileiro. As principais marcas da instituição familiar forjadas neste contexto são 1) o amor romântico cisgênero e heterossexual; 2) a criação da norma hegemônica como sendo gerar proles sem vínculos adotivos; 3) a imposição da monogamia; 4) a criação da norma do casamento como uma forma de controle estatal sobre a propriedade; 5) o controle sobre a sexualidade e sobre a reprodução das mulheres cisgêneras e, 6) a aliança realizada entre o estado, as teorias psicológicas e a cultura social que culminam na naturalização e permissão do controle de homens cisgêneros sobre as mulheres cisgêneras. Assim, argumentei pela necessidade de a psicologia e a categoria profissional dialogarem com as teorias feministas contemporâneas, que advogam pela emancipação da culpabilização das funções, papéis e representações das mulheres cisgêneras e transgêneras, e com os arranjos não-hegemônicos de os sujeitos estabelecerem vínculos afetivos e/ou sexuais, a saber o Amor Livre (AL), as Relações e Relacionamentos Livres (RLI) e o Poliamor. Por fim, apresento como os conceitos de amor e de vínculos relacionais são modificados pelos debates feministas e pelas teorias de gênero.

hoje - à falta de debates e atualizações que os estudos de gêneros contemporâneos trouxeram para a academia e as práticas psicológicas.

Realizei o meu primeiro estágio profissionalizante no Serviço de Atendimento e Pesquisa de Psicologia (SAPP)², da PUCRS, na área de Psicologia Clínica, com ênfase nas Abordagens Humanistas Fenomenológicas-Existenciais. Durante as experiências de atendimento e de discussões de casos clínicos, em momentos de supervisões, muitos analisadores inquietantes começaram a tensionar minha nascente prática clínica. Os maiores incômodos surgiram durante as discussões de casos que acionavam alguma questão sobre relações de gênero e/ou de sexualidade.

Meu segundo estágio profissionalizante foi realizado no Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP), do Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul (CRPRS), em que estagiava em um cenário de intersecções entre a Psicologia e as Políticas Públicas. Durante o estágio, participei da Comissão de Formação (COFOR) do CRPRS, onde escutei e debati com diversas coordenadoras de curso de Psicologia e realizei diversas rodas de conversas e projetos de pesquisas e de intervenções em faculdades e universidades para pensar e problematizar a formação em psicologia no Rio Grande do Sul.

Quando ingressei no mestrado acadêmico, minha primeira proposta era conversar com pessoas não cisgêneras para compreender como haviam sido seus percursos de psicoterapia em consultórios privados. Enquanto estava focada em recortar questões ligadas às transidentidades, no antigo projeto de dissertação, e citando diversas pesquisas acerca de como as/os psicoterapeutas vêm trabalhando com esses sujeitos em seus consultórios privados, um importante incômodo começou a emergir: a conformação da cisgeneridade como uma norma que constitui um eixo estruturante para muitas das teorias clínicas que estava estudando.

Podemos conceber a cisgeneridade como uma disposição normalizadora, uma complexa rede de acoplagens de estabilidades e de certezas entre corpo sexuado, comportamento, desejo e performance de gênero. Sendo assim, a cisnorma pode ser concebida enquanto um conjunto de normas regulatórias da sociedade (VERGUEIRO,

² Serviço-escola de psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

2016), que não assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível, de um corpo estranho, que tem o potencial de incomodar, perturbar, provocar e fascinar (LOURO, 2016).

A cisnorma coloca as pessoas que não performam a cisgeneridade para fora das fronteiras da “normalidade” e funda a marginalidade existencial. Percebemos, desse modo, o apagamento do lugar de enunciação da cisgeneridade como produtora de normas, do universal e do universalizante no que toca às experiências de identidade de gênero para a produção de teorias e de intervenções clínicas. As identidades de gênero foram, assim, colonizadas por um “cis-tema”-mundo ocidental que é atravessado por pressupostos cristianocêntricos, modernos e coloniais, capitalistas e patriarcais, que culminam em produzir hierarquias epistemológicas, que excluem, minimizam e silenciam perspectivas não cisgêneras (VERGUEIRO, 2016).

A cisgeneridade pode, assim, ser compreendida como a matriz estrutural e institucional do “cis-tema”, que sustenta e performa as perspectivas cis-sexistas na cultura contemporânea³ (VERGUEIRO, 2016). No que se refere à psicologia, pode-se dizer que há uma citacionalidade específica da cisnormatividade, segundo a qual sustenta-se o pressuposto ontológico das vivências cisgêneras como normais, desejáveis, naturais e inquestionáveis, o qual é apresentado, de diversas formas, em manuais nosológicos, teorias e intervenções clínicas que circunscrevem e delimitam as subjetividades e as vivências, os corpos, as performances de gênero e de existência de acordo com a estabilização da cisnormatividade.

A partir dessas problematizações, novamente a formação em psicologia se fez questão. Devido à minha implicação com a prática clínica, fui localizando, dessa vez, o problema da pesquisa na formação de psicoterapeutas, mais especificamente na construção e treinamento da escuta clínica. Particularmente inspirada nos trabalhos empíricos e abordagens utilizadas por Viviane Vergueiro Simakawa (2016) e Daiane Maus Marques (2010), situo a formação da escuta clínica em psicologia como objeto do presente estudo.

³ Utilizamos a noção de cis-tema para demarcar que a cisnormatividade é performada em diversos âmbitos, como os sujeitos, as instituições, os discursos, a produção e utilização da ciência, a cultura, a sociedade que vai de encontro ao paradigma individualizante da transfobia (VERGUEIRO, 2016).

Em sua dissertação de mestrado, Daiane Marques (2010) entrevistou pessoas auto-declaradas da comunidade LGB⁴ para conhecer seus percursos psicoterapêuticos. A autora constatou que a experiência dessas pessoas com profissionais da psicologia clínica foi atravessada por lógicas associadas ao dispositivo da sexualidade, concepções essencialistas das identidades, à heteronormatividade e pelo saber disciplinar que estrutura o estudo do desenvolvimento concebido como normal da sexualidade. A leitura da referida dissertação começou a despertar a hipótese da centralidade da formação acadêmica e das práticas de supervisões clínicas para a criação destas marcas na prática clínica da categoria.

Já Viviane Vergueiro (2016), em sua dissertação, utilizando a auto-etnografia como método, discute três eixos principais acerca da cisgeneridade. Primeiro, ela descreve as características analíticas da cisgeneridade e da cisnormatividade e aponta como estas atravessam os saberes científicos, as composições de corpos e de identidades de gênero. Segundo, ela identifica e analisa os dispositivos de poder institucionais e não-institucionais cisnormativos que colonizam as diversidades subjetivas e corporais. E, terceiro, ela discute as resistências possíveis em relação ao cis-tema de poder interseccionalmente constituídos. Sendo assim, podemos citar a referida pesquisa como central para o presente estudo, uma vez que pretendemos percorrer a categoria analítica da cisnormatividade performada no treinamento da escuta clínica de psicoterapeutas.

Viviane (2016) defende que a normatividade cisgênera - ou cisnormatividade - exerce, por intermédio de diversos dispositivos de poder interseccionalmente situados, efeitos colonizatórios sobre corpos, vivências, existências, identidades e identificações de gênero que não estejam em conformidade com os requisitos normativos. Assim, segundo ela, podemos compreender a cisgeneridade a partir do acionamento de três pressupostos centrais: 1) a pré-discursividade, 2) a binariedade e 3) a permanência⁵. As subjetividades forjam e, ao mesmo tempo, são forjadas em uma complexa trama sócio-cultural colonizadora e colonizante que pontua as definições de corpos e gêneros,

⁴ Pessoas que se auto-identificam como lésbicas, gays, bissexuais e pansexuais.

⁵ Discutiremos os preceitos da pré-discursividade, da binariedade e da permanência adiante, no capítulo 4, denominado de “Ciscolonidade como currículo invisível na formação da escuta clínica”.

que apresentam como efeito a cisnormatividade ou o cissexismo, que “anormaliza, inferioriza e extermina, interseccionalmente, diversidades corporais e de gênero” (SIMAKAWA, 2016, p. 43), construindo identidades de gênero cristalinas, definitivas e disciplinadas. Inspirada pelo percurso teórico-político-metodológico de Viviane (2016), pretendo perseguir a construção da escuta clínica da psicologia no confronto com casos clínicos - que materializam a escuta psicoterapêutica - que possivelmente desestabilizam os preceitos normativos da cisgeneridade na performance de gênero dos sujeitos acolhidos em uma instituição escola de psicologia.

Partimos, no presente trabalho, do pressuposto de que a formação acadêmica e a transmissão dos preceitos da clínica ocupam um lugar fundante e central na prática clínica. As instituições formadoras constroem e transmitem conhecimentos por intermédio de seus currículos acadêmicos, que são mais que uma lista de componentes curriculares que devem ser cursadas por discentes e ministradas por docentes. Essas são construídas e implementadas em um campo de relações de poder, sendo atravessadas e performando padrões sociais e culturais, fabricando sujeitos disciplinados. Logo, (re)produzem modos de subjetivação, visto que reiteram valores, sentidos, subjetividades possíveis e relações entre saber-poder (MEIRA; AMORIM, 2017; BERNARDES, 2012; LOURO, 2008).

Sabemos que os gêneros são constantemente construídos por inúmeras aprendizagens e práticas, empreendidas de modo direto ou implícito por inesgotáveis atravessamentos sociais e culturais, com diretrizes distintas e sem qualquer homogeneidade ou consenso (LOURO, 2008). Nesses embates entre cultura e discurso científico, observaremos os modos como se constróem e se reconstróem as posições da normalidade e da diferença, e os significados que lhes são atribuídos, durante as práticas de formação de terapeutas clínicas/os.

Uma vez que não há nada de puramente natural, dado ou inerente em identidades de gênero, essas e seus estereótipos são concebidos em processos culturais (LOURO, 2008), que são transformados em estabilizações⁶, linearidades e verdades curriculares, forjando concepções científicas (LATOUR, 2000) acerca da

⁶ Segundo Latour e Woolgar (1997), os fatos passam de uma simples cogitação ou conhecimentos ditos do senso comum até um saber científico, que é estável, inquestionável, uma verdade absoluta por toda a comunidade científica.

cisgeneridade, da feminilidade, da masculinidade, da transidentidade, da não-binariiedade⁷. A formação - e as teorias clínicas que formam e treinam a escuta clínica - serão compreendidas de acordo com a apreensão de Guacira Lopes Louro (2008), que afirma que o aprendizado sobre sexualidades e identidades de gênero ocorre de diversas formas, através de inúmeras práticas, aprendizagens e posicionalidades do sujeito, que são construídas por incontáveis instâncias culturais e sociais. Dentro destas, podemos citar que as *pedagogias de gênero*, inscritas e performadas pelas teorias clínicas psicológicas criam as posições de normalidade e de diferença, e os significados que são impostos a essas categorias, no que se refere à performance de gênero cisnormativa. Sendo assim, a escuta clínica é formada e treinada a buscar pelas performatividades da cisnorma, classificando como inadequados os sujeitos - e os colocando em categorias diagnósticas - que produzem fissura e ruptura na cisnormatividade de gênero conformada em teorias clínicas.

As discussões realizadas pela filósofa Judith Butler atravessam e inspiram o percurso desta escrita, tendo o conceito de performatividade assumido uma posição central em minhas análises. Tal conceito possibilita admitir os gêneros para além dos binarismos canônicos criados pela ciência moderna - e reiterados por variadas psicologias clínicas até a atualidade - como sexo e gênero, natureza e cultura, corpo e mente. A partir dessa compreensão, assumimos que os gêneros e as sexualidades se constituem por atos performativos, ou seja, são atos de linguagem que não descrevem os sujeitos, mas constituem os sujeitos dentro de campos discursivos que estão imersos em relações de saber-poder. Desse modo, os gêneros são criados e efetivados por discursos que são constitutivos de identidades, corpos sexuados e sujeitos, não se tratando de uma qualidade essencial ou inerente a um sujeito.

A construção do gênero é um processo temporal que atua através da reiteração de normas, que o produz e o desestabiliza, produzindo um efeito naturalizado. Entretanto, essa reiteração cria fossos, fissuras e instabilidades constitutivas dessas construções de gênero. Ou seja, há o que escapa ou excede à norma, que não pode

⁷ Os singulares são importantes porque marcam o achatamento e a verdade intransponível que os discursos científicos das psicologias forjam ao delimitar fronteiras entre performances de feminilidades, de masculinidades, de não-binariiedades.

ser totalmente definido ou fixado pelo trabalho repetitivo daquela norma (BUTLER, 1993).

Desse modo, percebemos que a performatividade cria a possibilidade de concebermos a desconstrução de grandes narrativas hegemônicas, com as teorias clínicas psicológicas mais consagradas⁸, colocando em relevo o processo contínuo de produção da cultura e o seu atravessamento nas ciências psicológicas.

Se considerarmos a distância que existe entre as teorias e as práticas clínicas em relação à performatividade de gênero dos sujeitos, podemos delinear o quanto o saber-poder da psicologia tem sido alvo de constantes fissuras causadas pela performatividade dos sujeitos. Nesse sentido, a performatividade dos sujeitos “revela a distinção dos aspectos da experiência do gênero que são falsamente naturalizados como uma unidade através da ficção reguladora da coerência heterossexual” (BUTLER, 1990, p. 196) e da cisnormatividade. No lugar da[s] lei[s] da coerência heterossexual [e cisgênera], vemos o sexo e o gênero desnaturalizados por meio de uma performance que confessa sua distinção e dramatiza o mecanismo cultural de sua unidade fabricada (BUTLER, 1990).

Para perseguir o problema e o objeto desta pesquisa, escolhi realizar o trabalho de campo, guiada pelo método etnográfico, em um serviço-escola de psicologia, uma vez que o mesmo se apresenta como um local privilegiado para observar a “ciência em ação”⁹ (LATOURETTE, 1997) no processo de ensino-aprendizagem de formação de psicoterapeutas, no modo como os pressupostos da cisnormatividade são performados, pedagogizados e transmitidos na prática de supervisões clínicas, de discussões e compreensões de estudos de casos, no treinamento da escuta e na produção de pacientes e terapeutas. Ou seja, apostei na hipótese de que uma instituição caracterizada como uma “clínica-escola” poderia me indicar como ocorrem os

⁸ Estamos denominando de teorias clínicas mais consagradas as que são mais apresentadas e trabalhadas durante as graduações e pós-graduações de psicologia, como as abordagens Cognitivas-Comportamentais, as Psicanálises, as Teorias Sistêmicas e de Famílias.

⁹ O conceito “ciência em ação” é trabalhado no capítulo “1.2.3. Abrindo as caixas-pretas da escuta clínica: as controvérsias da cisnormatividade em casos clínicos de psicologia” do presente estudo.

fechamentos de caixas-pretas¹⁰ - conforme definição de Latour, descrita no - no *setting* clínico, uma vez que podemos perceber como as teorias clínicas se desdobram em aplicações e intervenções clínicas.

Realizei, portanto, uma etnografia em um serviço-escola de psicologia do Rio Grande do Sul durante seis meses, a saber, de janeiro a julho (com a exceção do mês de fevereiro, que eram as férias da instituição) de 2017, acompanhando as discussões gerais de casos clínicos da instituição (envolvendo todas as equipes) e as da ênfase em psicologia sistêmica em particular. Caracterizaremos e justificaremos essa equipe e essas escolhas no capítulo “4.5 As reuniões gerais de equipe” da presente dissertação.

¹⁰ Conforme definição de Latour (1997), descrita no capítulo “1.2.3. Abrindo as caixas-pretas da escuta clínica: as controvérsias da cisnormatividade em casos clínicos de psicologia” desta dissertação.